

BREVE INTRODUÇÃO AO *ITINERARIUM MENTIS IN DEUM*: PERCURSO PERCEPTIVO, INTELECTUAL, AFETIVO, ESTÉTICO E MÍSTICO

INTRODUCTION TO THE ITINERARIUM MENTIS IN DEUM: AN PERCEPTIVE, INTELLECTUAL, AFFECTIVE, AESTHETIC AND MYSTICAL ROUTE

Luís Evandro Hinrichsen¹

RESUMO

O artigo visa examinar os seis degraus que encaminham o ser humano via criação, pela descoberta de si, através do exercício das artes liberais, Filosofia e Teologia ao sétimo dia do repouso, ou seja, ao êxtase ou união estática com Jesus de Nazaré, o Crucificado e Ressuscitado. Caracterizar o itinerário humano perceptivo, dialético, ético, filosófico, teológico e místico no qual percepção, afetos e intelecto estão implicados. Oferecer, guiados privilegiadamente por São Francisco de Assis, segundo ótica boaventuriana, chaves à leitura do Itinerário e aos seis degraus a serem superados, trajetória simples e complexa que intenciona conduzir – via conformação – à união no amor transbordante, acolhedor e transformador com o Crucificado e Ressuscitado, fonte de vida plena. No sétimo dia, repouso, luz tão intensa, conduzirá à escuridão, expressão da *Kénosis* a qual somos convidados a participar. O *Itinerário*, breve, mas, completo complexo, é síntese filosófica e teológica, obra singular de mística, testemunha o projeto franciscano de vida, alicerçado na itinerância, vida sem propriedade e fraternização cósmica. Boaventura, à época geral da Ordem dos Menores, em período de crise, encontra conforto meditando a vida de São Francisco, caminho para os que desejam viver e testemunhar o Evangelho. O pequeno-grande livro *Itinerário da Mente*

¹ Doutor em Filosofia. Mestre em Filosofia e em Teologia. Professor do Curso de Filosofia da Escola de Humanidades da PUCRS e do Curso de Especialização em Espiritualidade Franciscana da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF). Professor Colaborador do Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Portugal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0978985765841179>. *E-mail*: luis.hinrichsen@pucrs.br

a Deus é precioso legado do modo de ser franciscano aos que aspiram vivenciar a presença do amor em todas as regiões do universo, no homem interior e na pessoa de Jesus de Nazaré, nosso Irmão e Rosto do Pai.

Palavras-chave: Itinerário. Caminho. Perfeição. Filosofia. Teologia. Mística. Degraus. Afetos. Intelecto. Contemplação. Luz. Escuridão.

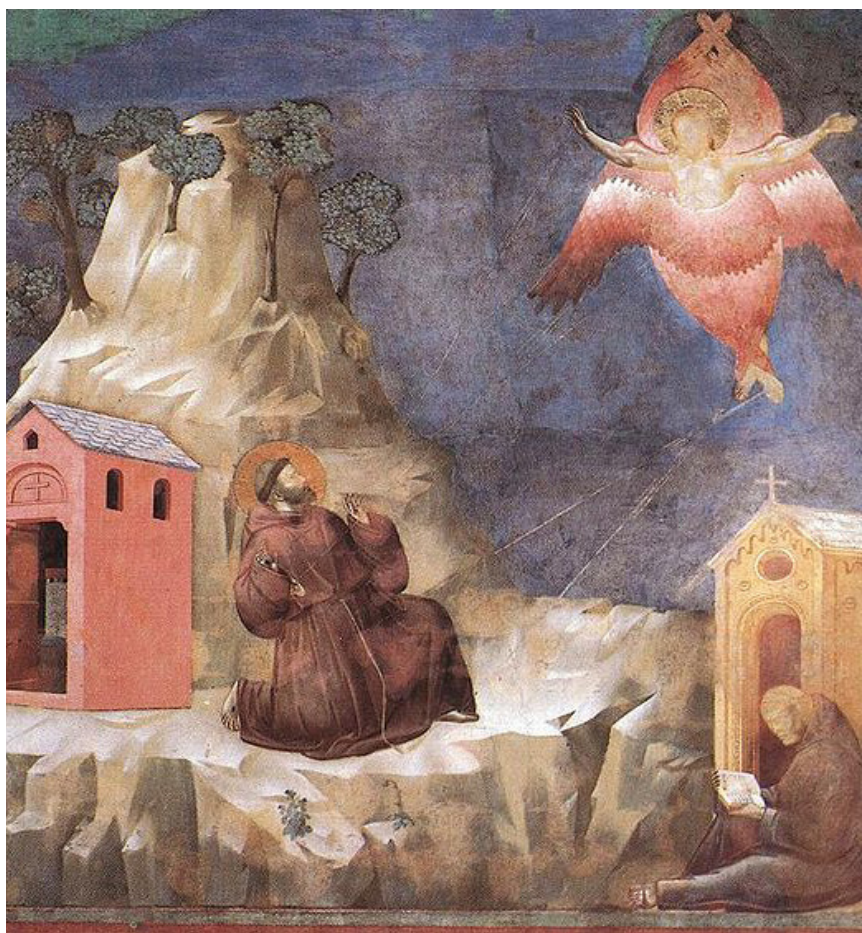
ABSTRACT

This paper aims to examine the six steps that lead the human being (through creation) into self-discovery. That process occurs through the practice of liberal arts, Philosophy and Theology – on the seventh day of rest, that is, to ecstasy or union with Jesus of Nazareth, the Crucified and Risen. In this intention, we characterize the perceptual, dialectical, ethical, philosophical, theological and mystical human itinerary in which perception, affections and intellect are implicated. We offer, guided by St Francis of Assisi and according to the perspective of Boaventura, interpretation keys to the understanding of the Itinerary and the six steps to be overcome, a quite complex trajectory that intends to lead – by conformation – to the union in overflowing, welcoming and transforming love with the Crucified and Risen, the source of a committed life. On the seventh day, the light of rest will lead to darkness, an expression of *Kénosis* to which we are invited to participate. This short but complex itinerary is a philosophical and theological synthesis, a singular work of mystique. We are also aligned with the Franciscan way of life, based on roaming, live without property and fraternization. In times of crisis, Boaventura, at the Minors Order, finds comfort by meditating on the life of St Francis, a way for those who wish to live and testimony the Gospel. The small book *Itinerary of Mind to God* is a precious legacy of the way and meaning of being Franciscan and inspire those who aspire to experience the presence of love in it fullest – in the inner man and in the person of Jesus, our Brother and the Face of the Father.

Keywords: Itinerary. Path. Perfection. Philosophy. Theology. Mystique. Steps. Affections. Intellect. Contemplation. Light. Darkness.

INTRODUÇÃO

FIGURA 1 – Recepção dos Estigmas



Afresco de Giotto² (1337?), Basílica Patriarcal de Assis

² Cada uma das asas do Serafim simboliza um dos degraus do Itinerário do pobre no deserto: as duas primeiras, as vias exteriores, as duas seguintes, as interiores e as duas últimas, as superiores.

1 SÃO BOAVENTURA: VIDA E OBRA

São Boaventura de Bagnoregio viveu intensamente na senda da Paz e do Bem, percorrendo amorosamente os passos de São Francisco de Assis, guia a Jesus de Nazaré e ao Evangelho. Seu nascimento é comumente assinalado em 1221. João Fidenza veio ao mundo no povoado de Bagnoregio, próximo a Viterbo, na Itália central. Menino, segundo relata na *Legenda Maior*, foi curado de grave enfermidade pela intercessão de São Francisco. Recebeu educação, infante, no convento franciscano de Bagnoregio. Posteriormente, entre os anos de 1236 e 1242, frequentou a Escola de Artes Liberais de Paris. Em 1243 ingressou na Ordem dos Frades Menores, no Convento de Paris. Realizou estudos teológicos sob a direção do primeiro mestre franciscano de Paris, Alexandre de Hales, denominado por Boaventura por *nosso mestre*. Em 1248 foi-lhe outorgado o título de Bacharel Bíblico, o que lhe autorizou ler publicamente a Bíblia. Em 1248 recebeu o título de Bacharel sentenciário, que lhe permitiu comentar as *Sentenças de Pedro Lombardo*, compêndio filosófico e teológico estudado à época. Em 1253 foi nomeado mestre regente titular da Escola franciscana, título com o qual ensinou até 1257. A querela entre mendicantes e mestres seculares retardou nomeação como Mestre em Teologia, o que aconteceu, somente, em 1257. Mas, em 02 de fevereiro daquele ano, Boaventura foi eleito para Ministro Geral da Ordem, fato que o obrigou a renunciar ao posto de Mestre em Teologia na Escola de Paris. Em 1265, convenceu o Papa e não foi nomeado arcebispo de York. Foi nomeado, entretanto, Bispo de Albano e Cardeal com a tarefa de preparar o *Concílio de Lion* que pleiteava a unificação das Igrejas Ocidental e Oriental. Faleceu durante o concílio em 15 de julho de 1274. Foi enterrado na Igreja de Lion. O Papa Sixto IV o nomeou Doutor da Igreja em 1482³.

1.1 OBRAS

Destacamos de sua profícua produção⁴ os seguintes textos: *Comentário aos quatro Livros das Sentenças de Pedro Lombardo* (1253-1257), *Questões*

³ Cf. MERINO, José Antonio. **História de La Filosofia Franciscana**. Madrid: BAC, 1983. pp.29-30.

⁴ MERINO, 1983, p.30-31.

Disputadas sobre o Mistério da Santíssima Trindade (1253-1257), *A Ciência de Cristo* (1253-1257), *Breviloquio* (1257), *Itinerário da Mente a Deus* (1259), *Redução das Ciências à Teologia* (1260?), *Colações sobre os dez mandamentos* (1267), *Colações sobre os sete dons do Espírito Santo* (1268), *Colações sobre os seis dias da criação* (1273).

As obras de Boaventura foram publicadas em Edição Crítica por *Quarachi* (1882-1902). A BAC publicou o corpus boaventuriano em edição crítica latim-espanhol. No Brasil, sob a coordenação do Prof. Luís Alberto De Boni, contamos com a edição Latim/Português da EST das **Obras Escolhidas**⁵ e com a Publicação no Volume I da Coleção Pensamento Franciscano, *Vozes / PUCRS / USF* de importantes escritos do doutor da ordem seráfica⁶. O *Itinerário* consta de um *Prólogo*, *Sete Capítulos*, cada capítulo está dividido em *parágrafos* cf. Edição Franciscana de *Quarachi*. É um *Itinerário*, breve, mas complexo conforme o estilo boaventuriano de classificações, analogias, texto ricamente ilustrado por símbolos.

1.2 O ESTILO DE BOAVENTURA

A primeira leitura de Boaventura não é de fácil compreensão, pois, portador de estilo exuberante e rico, muitas vezes repetitivo, escreve diretamente para os homens e mulheres do seu tempo. Em sua obra apreciamos o gosto pelas divisões que não objetivam organizar e subordinar temas. As divisões aspiram indicar ascendência, plenitude, correspondência entre as partes e o todo. Poeta e místico, Boaventura recorre a sinônimos, imagens e alegorias para definir e enriquecer definições num esquema estranho aos tempos presentes. Nos escritos do doutor seráfico, interessante, cada conceito encontra-se de tal modo situado no esquema arquitetônico do seu pensamento, que somente será

⁵ SÃO BOAVENTURA. *Itinerário*. In: **Obras Escolhidas**. Tradução: Luís A De Boni e de Fr. Saturnino Schneider. Porto Alegre: EST - SULINA - UCS, 1983. pp. 163-203. Doravante citado como **Itinerári**^o. Observação: O *Itinerário* consta de um *Prólogo*, *Sete Capítulos*, Cada capítulo dividido em *parágrafos* (§) cf. Edição Crítica Franciscana de *Quarachi*.

⁶ BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Escritos Filosóficos e Teológicos**. Int. Trad. e Not. de Luís Alberto De Boni e de Jerônimo Jerkovick. Porto Alegre: EDIPUCRS / USF 1999. v. II. (Coleção Pensamento Franciscano).

entendido na consideração dos outros conceitos, dentro das funções que desempenha no conjunto. A leitura de São Boaventura, pensamos, supõe a pertença à Tradição que o abriga. Tradição da qual fazemos, de modos diversos e em contextos distintos, ativa e vivamente parte⁷.

1.3 FRANCISCO E CLARA

São Boaventura, nos seus escritos, procura traduzir a experiência menorítica segundo o espírito de Francisco e Clara. O estigmatizado é o testemunho do Cristo itinerante, orante, pobre e obediente ao Pai. E por isso, submisso e ao serviço da criação. Francisco é a forma de vida encarnada para todo aquele (a) que deseja seguir o Crucificado. O seguimento de Cristo, pelo testemunho de Francisco e Clara, convida Boaventura a celebrar a dignidade da criação, servindo-a. O zelo pastoral de Boaventura, sua atividade como professor em Paris, o governo da ordem revela o seguimento de Jesus Cristo através da menoridade. Para entender Boaventura, conseqüentemente, é preciso retornar a Francisco e a forma de vida que Boaventura aspirou e viveu, pois seus escritos estão marcados, sublinhamos, pela menoridade.

1.4 O CONTEXTO DE BOAVENTURA EM PARIS

A interpretação averroísta de Aristóteles, efetivamente, preocupou Boaventura. O *averroísmo latino* postulava: a eternidade do mundo, a suficiência da razão, a tese do intelecto agente supraindividual, o necessitarismo. Ora, Deus criou contingentemente um mundo apto a o enunciar ou o revelar, basta querer ver e desejar escutar. Precisamos, igualmente, do auxílio de luzes superiores pelas quais interpretaremos aquilo que vemos e ouvimos. O intelecto cognoscente é faculdade de cada ser humano, ente singular e irrepitível. A alma singulariza, doa vida e harmoniza ao corpo e, ao mesmo tempo, permite a intelecção e o querer. O

⁷ Cf. DE BONI, Luis Alberto. Apresentação. *In*: BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Escritos Filosóficos-Teológicos**. Int. Trad. e Not. de Luis Alberto De Boni e de Jerônimo Jerkovick. Porto Alegre: EDIPUCRS / USF 1999. v.I. pp.13-21. (Coleção Pensamento Franciscano).

ser humano, pessoa, todavia, conhece as coisas naturais segundo o auxílio das luzes que emanam do Verbo. O processo de abstração não exclui, mas, supõe o Pai das Luzes que – através do Filho – garante-nos o conhecimento das coisas inteligíveis e, sobretudo, é penhor daquelas que nos salvam.

2 BOAVENTURA, TEÓLOGO OU FILÓSOFO?

Boaventura opera distinções entre Filosofia e Teologia. Reconhece que através da razão chegamos à compreensão de verdades naturais, tal qual Aristóteles. Mas, essas não bastam, pois o coração humano busca a Deus, no *si mesmo* e em *todas as coisas*. Por isso, as verdades reveladas complementam e plenificam as verdades naturais. Se, compete à Filosofia sondar as coisas cognoscíveis pelo exercício da razão, compete à Teologia examinar – com os recursos da razão – a Sagrada Escritura e nos ajudar à compreensão dos artigos de Fé. Não há submissão da Filosofia à Teologia, mas, complementaridade. Se, a criação, de muitos modos, nos envia ao criador, na Sagrada Escritura Deus revela-se. Por isso, Boaventura transita com facilidade, em seus escritos, da Filosofia à Teologia, da Contemplação à práxis, pois pretende indicar caminhos pelos quais ascendamos a Deus Uno e Trino, nos tornemos mais fraternos, alcancemos a salvação, *nos tornemos melhores*. Filosofia e Teologia, Mística e Práxis, integram-se singularmente nos escritos do doutor seráfico, isto porque a vida humana não é subdividida em secções, pois, sendo una, aspira conhecer, compreender e amar seu Autor.

3 ESQUEMA DO ITINERÁRIO⁸

3.1 PRÓLOGO

Título: *Itinerário da Mente em [a] Deus*

Datação: Boaventura escreveu a presente obra no início de 1259, quando se encontrava no Monte Alverne.

Autenticidade: Indubitavelmente de São Boaventura.

⁸ Cf. CAROLI, Ernesto (Org.). **Dizionario Bonaventuriano. Filosofia. Teologia. Spiritualità**. Padova: Editrici Francescana, 2008. pp. 502-505.

Temas Tratados: O *Itinerário* mostra as condições através das quais o ser humano pode realizar uma compreensão filosófica de Deus. O Objetivo da obra, entretanto, não é estabelecer uma pesquisa racional orientada a encontrar um conceito assimilável de Deus, mas, isto sim, intenciona apresentar o caminho preparatório a ser percorrido pelo homem desejoso em iniciar uma ascese espiritual em direção de Deus. O caminho ascendente articula-se em seis graus divididos em três setores: *fora de nós*, *dentro de nós*, e *acima de nós*. Isto é, o mundo, a alma e Deus.

Estrutura: A obra consta de um *Prólogo* e *Sete Capítulos* não muito longos, divididos em *parágrafos*⁹.

Contexto Histórico: Boaventura era o sétimo geral desde a morte de Francisco. Dois anos transcorreram desde o abandono da cátedra em Paris. Desejoso de recuperar a paz de seu coração – realiza retiro no Monte Alverne –, onde Francisco recebeu os estigmas. Boaventura medita sobre os estigmas e sobre o caminho de Francisco, itinerário exemplar para todos os seres humanos, peregrinos neste mundo e desejosos de paz. Descreve, orientado pela experiência de Francisco, as seis etapas que conduzem a alma do *viator* à paz da contemplação.

Técnica Didática: Boaventura utiliza o símbolo do Serafim Alado em forma de crucifixo manifesto a Francisco. As seis asas indicam as seis iluminações, que, iniciando nas criaturas, nos conduzem a Deus. As seis asas correspondem às seis iluminações dos seis primeiros capítulos do itinerário. O tema do último capítulo [sétimo] versa sobre a paz mental estática, termo das diversas iluminações e vértice do acontecimento do Alverne, denominado Calvário franciscano. O Serafim crucificado é outro símbolo a indicar que o caminho é o ardente amor a Jesus Cristo crucificado.

⁹ **Itinerário da Mente a Deus** (*Itinerarium Mentis in Deum*) compõem-se de um *Prólogo* e *Sete Capítulos*. Cada um dos Capítulos é dividido em *parágrafos* (§). A tradução referencial utilizada é SÃO BOAVENTURA. *Itinerário*. In: **Obras Escolhidas**. Tradução: Luís A. De Boni e de Fr. Saturnino Schneider. Porto Alegre: EST; UCS; VOZES, 1983.

Gênero do Itinerário: É uma obra de Teologia Mística que apresenta um caráter filosófico. **Acentos:** O Primado do Bem e a sua difusão, a dimensão trinitária, o aspecto ecoteologal, a dimensão afetiva e prática do Itinerário, que é um guia. São Boaventura, em resumo, indica que os estudos de Filosofia e Teologia, se realizados com devoção e constância, devem nos tornar as pessoas melhores.

3.2 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

A seguir, sinteticamente, apresentaremos os sete capítulos, estruturados em seis degraus que culminam no encontro com o crucificado. O *Prólogo* apresenta o *Itinerário* – convidando o estudo com devoção, pois a unção orienta vontade e intelecto no caminho a Deus Uno e Trino:

Que não venha a crer que baste a leitura sem a unção, a meditação sem a devoção, a indagação sem a admiração, a atividade sem a piedade, a inteligência sem a humildade, a ciência sem a caridade, o estudo sem a graça divina, o espelho sem a luz sobrenatural da divina sabedoria¹⁰.

Cap. I, *Inicia-se a meditação do pobre no deserto*¹¹

A presença de Deus uno e Trino na percepção

No trânsito da existência Deus revela-se no Universo, tal qual propôs São Francisco no *Cântido do Irmão Sol*¹². Fora de nós – a criação é um livro – cada criatura é uma palavra que fala do criador. É cego quem não o percebe. Na sequência, Boaventura cita Dionísio Areopagita, místico e filósofo neoplatônico. Dentre os degraus há vestígios e imagens, alguns materiais, outros espirituais. Alguns são mortais, outros, imortais. Uns estão fora de nós, outros dentro de nós.

¹⁰ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Prólogo, § 4, p.166.

¹¹ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*. Cap. I, §1-§5, pp.167-173.

¹² SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Cântido do Irmão Sol*. In: **Escritos e Biografias de São Francisco de Assis**. Idelfonso Silveira (org). Petrópolis: Vozes, 1988, pp. 70-72. Doravante citado como **Escritos e Biografias de São Francisco de Assis**.

Compreende a Criação – em processo guiado pelas razões seminais – pois, em tudo há sentido que converge a Deus Uno e Trino. Como reconhecer a presença do Criador na obra da criação? Purificando os olhos da alma e permitindo, em consequência, que vontade e razão – somos criatura finitas capazes de querer e conhecer – nos encaminhem à contemplação do Criador pelo louvor às criaturas. Há os que existem, os que existem e sentem, os que existem, sentem e entendem¹³. Os entes criados, logo, nos conduzem, via indagação das causas – ao *Primeiro Princípio*. Cego é quem, iluminado por tantos resplendores, não vê. Surdo é quem não acorda com vozes tão fortes.

Cap. II *A contemplação dos seus vestígios impressos no mundo sensível*¹⁴

A presença de Deus Uno e Trino na criação

No espelho do mundo podemos nos elevar ao criador através das coisas exteriores [vestígios] ou contemplando-o – a si mesmo – nos mesmos seres pela sua essência, potência e presença. Boaventura descreve, segundo Aristóteles, a composição do *Kosmos*. Como percebemos as coisas? Via sentidos externos, sentido interno, imagens. Percebemos, gozamos e julgamos. O ser humano é um *microcosmo*. Através dos sentidos percebemos as coisas sensíveis. Mas, aonde se encontram os critérios pelos quais julgamos as realidades percebidas e que causam gozo, deleição? Acima de nós. Quando percebemos o que convém – suave e bem composto – há o prazer. Quando ouvimos o que é harmonioso, nos deleitamos. Há em todas as coisas proporção e harmonia. Repousamos no que nos causa agrado. Descreve os *Numerus* [ritmos]: soantes, ocorrentes, progressivos, sensoriais, memoriais, judiciais. Se há beleza, há proporção, simetria, harmonia [*numerus = ritmus*] conforme *De Musica*¹⁵. Quais são os

¹³ Cf. Santo Agostinho. **O Livre Arbítrio**. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. L. II, Cap.3, 7, pp.80-81.

¹⁴ São Boaventura, **Itinerário**, Cap. II, §1-§13, pp.174-180.

¹⁵ Cf. SANTO AGOSTINHO. La Música. In: **Escritos de San Agustín**. Tradução:Alfonso Ortega. Madrid: Editorial Católica / BAC, 1988. t. XXXIX, pp.49-361.

critério de interpretação do deleite estético? Os critérios são os inteligíveis¹⁶. Em *De Musica*, a Perfeita Unidade, que é a Trindade, é o critério inefável da beleza que nela encontra origem. O que percebemos, em resumo, nos conduz aos inteligíveis e desses ao Sumo Bem / Sumo Belo, causa da beleza e bondade onipresentes na alma e no mundo criado.

Cap. III *A contemplação de Deus por meio de sua imagem impressa nas potências da alma*¹⁷

Nos exercícios das faculdades da alma Deus é presente: entra em ti mesmo, lá verás nas faculdades [potências] da alma: Intellecto, Vontade e Memória, a imagem da Trindade.

Como interpretar os entes criados sem a referência ao incriado? Como a inteligência julga as impressões sensíveis senão segundo as ideias [formas ou inteligíveis] que são estáveis e não sujeitas ao devir do mundo? Deus o *grande modular* – Sumo Maestro – imprimiu harmonia em todas as regiões do universo e para interpretar a beleza da criação precisamos recorrer às ideias exemplares, segundo as quais todos os entes foram criados. Perceberemos, em tudo e em todos (as), de consequência, a presença de Deus Trindade. Não apenas quando avaliamos a beleza sensível, mas, também quando deliberamos, é presente o auxílio divino, pois

Para que seja o juízo emitido sobre as coisas que são objeto da deliberação, é preciso uma lei. Ora, esta lei não produz a certeza, a não ser quando estamos seguros de sua retidão de que ela está acima de todo juízo nosso. Nossa mente, porém, emite juízos sobre si mesma. Não podendo, pois; emitir juízos sobre a lei que serve de regra aos seus juízos, segue-se disso, que esta lei é superior à nossa mente e que nós julgamos unicamente pela sua presença em nós mesmos. Mas nada é superior à nossa mente senão Aquela [mente] que a formou. Por

¹⁶ Os números inteligíveis – imutáveis – são os paradigmas dos números corporais presentes na Criação, constituem o critério dos juízos estéticos e se encontram acima da razão. Correspondem às ideias exemplares, existentes eternamente na mente de Deus, segundo as quais todas as coisas foram criadas e sustentam-se no ser.

¹⁷ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. III, §1-§7, pp.181-187.

consequente, nossa faculdade deliberativa chega a atingir as leis divinas, se – de seu ato faz uma análise completa¹⁸.

Prossegue São Boaventura:

Vê, pois, como a alma está próxima de Deus. Vê como a memória nos conduz à eternidade, a inteligência à verdade, a vontade à sua bondade soberana, de acordo com as suas respectivas operações. A ordem, a origem e a mútua relação destas três faculdades nos conduzem até à própria Santíssima Trindade. Efetivamente, da memória nasce a inteligência, que é como sua filha, porque entendemos – só quando a imagem do objeto conservado pela memória se reflete na inteligência. Esta imagem torna-se então “Verbo”. Da memória e da inteligência é espirado o amor como nexos que unifica as duas. Estas três coisas – a mente que gera, o verbo e o amor – existem na alma como memória, inteligência e vontade, as quais são consubstanciais, coexistentes, coiguais e se compenetraram mutuamente. Se, portanto, Deus é perfeito espírito, tem então uma memória, uma inteligência e uma vontade, as quais necessariamente se distinguem porque uma procede da outra. Distinguem-se, porém, não essencialmente nem acidentalmente, mas pessoalmente¹⁹.

O doutor seráfico, no terceiro degrau, portanto, demonstra como, através das operações da mente, que envolvem memória, inteligência e vontade, revela-se a Trindade, que é Pai – Filho e Espírito Santo.

Continua mostrando como as artes liberais, através da Filosofia Natural, Filosofia Racional e Filosofia Moral²⁰ conduzem à Trindade. Todas essas ciências, as artes liberais²¹, possuem seus princípios evidente colhidos pela razão acima dela mesma.

¹⁸ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. III, §4, pp. 184-185.

¹⁹ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. III, §4, pp. 184-185.

²⁰ Divisão da Filosofia, seguindo Aristóteles, mas com adaptações, proposta por Boaventura.

²¹ Artes Liberais ou Filosofia: *Trivium* = gramática, retórica e dialética (lógica). *Quadrivium*: aritmética, geometria, astronomia e música. Às sete artes liberais Boaventura acrescenta, seguindo Hugo de São Vitor, as Artes Mecânicas (Cf. Redução das Ciências à Teologia).

Cap. IV *A contemplação de Deus na sua imagem: a alma renovada pelos dons da graça*²²

Curada a alma e os olhos interiores pela graça é possível contemplar a Deus.

No quarto degrau o itinerante é auxiliado pela graça, pois além das virtudes cardeais²³, há as teológicas²⁴ e, também, o preciso auxílio das Escrituras que nos ensinam o caminho à salvação. Jesus, a Igreja e os Sacramentos, a Lei da Graça e a Lei da Natureza, o mediador e os recursos à salvação são oferecidos para que nos elevemos a Deus através da alma renovada pela graça. Pela ação redentora de Nosso Senhor Jesus Cristo, derramando em nossos corações as virtudes do Espírito Santo, nos preparamos à conformação com o Crucificado. Escutemos Boaventura:

No degrau precedente a alma era ajudada pela filosofia. Neste degrau, ao invés, ela é especial e preferencialmente ajudada pela Sagrada Escritura divinamente inspirada. A Sagrada Escritura tem por objeto principal as obras da salvação. Eis porque ela nos fala frequentemente da fé, da esperança e da caridade – virtudes que transformam nossa alma. Fala-nos, porém, mais particularmente da caridade, que é – segundo o apóstolo – *o fim dos preceitos e a plenitude da lei* enquanto vier *dum coração puro, duma consciência reta e duma fé sincera*. E o próprio Salvador nos diz que a lei e os profetas se resumem no duplo preceito do amor a Deus e ao amor do próximo. Ora, este duplo preceito encontra sua concretização no amor de Jesus Cristo, o esposo da Igreja. Ele é, com efeito, ao mesmo tempo, nosso Deus e nosso próximo, nosso irmão e nosso Senhor, nosso rei e nosso amigo, o Verbo encarnado e o Verbo incriado, nosso criador e nosso Redentor, nosso Alfa e nosso Ómega. Ele é também o sumo hierarca que purifica, ilumina e aperfeiçoa a sua esposa – isto é, toda Igreja e toda alma santa²⁵.

²² SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Livro IV, §1-§8, pp. 187-191.

²³ Virtudes Cardeais ou principais / orientadoras: Prudência ou Sabedoria Prática, Fortaleza, Temperança e Justiça.

²⁴ Virtudes Teológicas: Fé, Esperança e Caridade.

²⁵ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. IV, §5, pp.189-190.

Após descobrirmos Deus Trindade nos vestígios, nas imagens e na semelhança – nos seres criados –, após curarmos os olhos da alma e percebido o Criador nas Artes Liberais – no exercício das ciências –, purificados pela graça que liberta e permite ver e ouvir / perceber o divino em todas as regiões do ser, finalmente, auxiliados pela Sagrada Escritura, descobriremos, através do retorno ao *si mesmo*, a presença de Deus no homem interior.

Cap. V *A contemplação na Unidade Divina no seu nome principal: ser*²⁶

Alcançar a Deus através da Filosofia

Podemos contemplar Deus não apenas fora de nós, dentro de nós, mas acima de nós. Lemos em Êxodo: “Eu sou aquele que sou” (Ex. 3, 14). A Filosofia demonstra que Deus é o Sumo Ser do qual dependem e são fundados todos os entes criados. Instrui São Boaventura:

É uma estranha cegueira de nossa inteligência não considerar aquilo que se vê antes de qualquer outra coisa e sem o que nada conhece. Mas, assim como o olho, aberto às várias diferenças das cores, não vê a luz por cuja virtude vê as demais coisas ou – mesmo se as enxergar não as advertite, assim o olho de nossa alma, aplicado aos seres particulares e universais, também não advertite o ser por excelência que está fora de todo gênero, ainda que o mesmo seja a primeira noção e todos os outros seres não poderiam ser conhecidos senão por Ele. [...] Habitado às trevas dos seres criados e às imagens sensíveis, parece-lhe não ver nada – mesmo quando contempla o esplendor do Ser Supremo. Não pensa que esta escuridão profunda é a mais brilhante das iluminações para o nosso espírito, assim como o olho do corpo, ao enxergar a luz pura, parece-lhes não ver nada²⁷.

²⁶ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. V, §1-§8, pp.192-196.

²⁷ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. V, §4, p.193.

Se observamos com atenção a gradação dos entes, a capacidade que temos em vê-los e conhecê-los, tal depende do Criador, Ser por excelência, que do nada pôs no ser todos os existentes, que em diversas gradações revelam e enviam ao Criador, causa da existência, visibilidade e capacidade que os seres humanos possuem de percebê-los e conhecê-los. A criação, se auscultada, permite nomear Deus pelo primeiro nome que lhe corresponde: Ser. Explica Boaventura:

Com efeito, se Deus é o ser por excelência, é absolutamente primeiro. Por ser absolutamente primeiro, não foi feito por outro nem muito menos por si mesmo. É, pois, eterno. Se é primeiro e eterno, por isso mesmo exclui toda composição. Portanto, é simplicíssimo. Por ser primeiro, eterno e simplicíssimo, por isso mesmo não há nele mistura alguma de ato e de potência. É, por conseguinte, atualíssimo. Por ser primeiro, eterno, simplicíssimo e atualíssimo, é, por isso, perfeitoíssimo: nada lhe falta e nada lhe pode ser acrescentado. Por ser primeiro, eterno, simplicíssimo, atualíssimo e perfeitoíssimo, é, pelo mesmo, soberanamente uno [...]. Recapitulando, digamos: O ser puríssimo e absoluto – isto é, o Ser por excelência – é o primeiro e o último. Por isso é a origem de todas as coisas e o fim que as consuma. Enquanto eterno e onipresente, abrange e penetra toda a duração do tempo como se fosse seu centro e sua circunferência. Sendo simplicíssimo ao máximo, é tudo em todas as coisas e é tudo fora das mesmas. É como que “uma esfera inteligível; cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência está em nenhum lugar”. – Enquanto atualíssimo e imutabilíssimo, “permanece estável. Enquanto atualíssimo e imutabilíssimo, permanece estável, dá movimento a todo o cosmos. Enquanto perfeitoíssimo e imutabilíssimo, está dentro de todas as coisas – sem ser, porém, incluído por nenhuma²⁸.

²⁸ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. V, §6, p.194.

O ser, pleno e causa da existência de todos os entes, é em tudo e em todos, sem conter-se em nenhum deles, é presente como fundamento e causa, princípio da existência dos existentes. Podemos, pois, com reverência, através da Filosofia, denominar Deus pelo seu primeiro nome: Ser.

Cap. VI *A contemplação da Santíssima Trindade no seu nome: Bem*²⁹

Alcançar a Deus através da Teologia

Percorremos itinerário que das coisas exteriores, conduz às interiores e às superiores. Descobrimos, via Filosofia, que o primeiro nome de Deus é Ser. Agora, estamos prontos a ingressar no Santo dos Santos, lá onde dois querubins do propiciatório serão postos um frente ao outro, então, através da Teologia, descobriremos que o nome pelo qual podemos sinalizar o Criador Uno e Trino é Bem. Veremos Deus Uno e Trino, Pai – Filho e Espírito Santo, relação que transborda e por amor faz tudo existir. Deus que eternamente gera o Filho, Filho que responde ao Pai amando-o, Amor que é o Espírito. Deus Uno e Trino é o Bem Supremo, causa da existência e bondade de toda a criação. Proclama Boaventura:

Olha, pois, e observa que o soberano Bem é de tal modo perfeito, que nada melhor se pode pensar. E semelhante Bem é impossível concebê-lo retamente como não existente, porque ser – é absolutamente melhor do que não ser. Por isso, para termos uma ideia exata do Sumo Bem, é preciso concebê-lo como Trino e Uno. De fato, diz-se que “o bem tende, por própria natureza, a difundir-se”. É, pois, próprio do Sumo Bem, difundir-se sumamente. A suma difusão, porém, deve ser, necessariamente, atual e intrínseca, substancial e pessoal, natural e voluntária, livre e necessária, indefectível e perfeita. Por isso, se no Sumo Bem não houver desde toda a eternidade uma produção atual e consubstancial e uma pessoa tão nobre quanto o Princípio donde procede por via de geração e espiração,

²⁹ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. VI, §1-§7, pp.196-200.

isto é, se esta produção não vier dum Princípio eterno que produz eternamente o seu igual, se não existir o mútuo amor, ou seja, se não houver uma pessoa gerada e uma espirada – o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Deus não seria o Sumo Bem, porque não se difundiria a si mesmo de maneira soberana: A comunicação que às criaturas fez no tempo é só um centro ou um ponto em comparação com a imensidade da Bondade eterna. Por isso, nós podemos conceber uma comunicação maior – aquela, por exemplo, em que o que se difunde comunica a outro toda a sua substância e sua natureza. Deus, portanto, não seria o Sumo Bem, se, na realidade ou ainda no nosso modo de pensar, carecesse de tal difusão³⁰.

São Boaventura nos convida a contemplar a Deus Uno e Trino por seu nome completíssimo e adequadíssimo, Bem ou Sumo Bem. Se, via Filosofia, descobrimos que Deus é o Sumo Ser, via Teologia, a contemplação de Deus via revelação, permite descobrir que o Sumo Bem – comunicação e relação – difunde-se na criação, livro que revela a verdade, bondade, plenitude e bondade do autor.

O Nome Ser – pelo qual designamos a Deus via Filosofia – não intenciona a plena caridade, que é comunicação / relação, causa da Criação. Boaventura segue o caminho de Anselmo, mas, retornando a Agostinho, demonstra que o nome *Sumo Bem* designa a Trindade, pleno amor e origem da criação. Eis o acento franciscano do Itinerário: Deus é relação, comunicação, amor a difundir-se – cujo rosto é Jesus de Nazaré, o Filho humanado que habitou entre nós. O espirado, o Espírito que nos foi enviado pelo Pai através do Filho, continua a nos alertar: Deus é o Sumo Bem, é na Criação. Do menor grão de areia até o ser humano, criado à imagem e semelhança da Trindade e vocacionado à relação – comunicação – percebemos a Trindade. O amor conduz à Trindade, causa de tudo o que é. O poder de Deus, portanto, revela-se como amor / difusão / comunicação e solicita aos que ouvem o Evangelho: serviço à criação.

³⁰ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. VI, §2, pp.197.

Cap. VII *O êxtase mental e místico no qual nossa inteligência encontra repouso e nosso afeto passa totalmente a Deus*³¹

Epílogo.

Após ultrapassados os seis degraus que conduzem, ascendente e gradualmente, a Deus Uno e Trino, já não há mais escada, as etapas foram percorridas, o *Sétimo dia da Criação* tem lugar, a luz é tão intensa que se transforma em escuridão: nenhuma palavra é necessária, nenhuma imagem é solicitada, somente há silêncio, acolhida e união. A escuridão é plenitude, pois o itinerante conformou-se, tal qual Francisco de Assis, com o Crucificado. A dor do amor oriunda da conformação é doçura que o Altíssimo permite suportar, pois, percorridas todas as etapas, já não há desejo, necessidade de conceituar, ambição de posse. Há, apenas, incondicional entrega e gozo em Deus Uno e Trino pela conformação ao Crucificado, que Francisco tanto amou: Jesus humanado. Francisco atingiu o sétimo dia – repouso, contemplação e êxtase.

Nós, os outros, tal qual São Boaventura, contemplando a união entre Francisco e o Crucificado, podemos viver “nosso Alverne”, pela veneração ao fradezinho de Assis e adoração a Jesus. Poucos, constatamos, ultrapassam os seis degraus e chegam à mística união com o Crucificado no sétimo dia do repouso, lá onde a intensidade da luz transforma ambições emocionais e cognitivas em silêncio, trevas, repouso. Ao contemplar a união mística ou conformação entre Francisco e Jesus de Nazaré, evento inigualável, graça concedida a Frei Francisco, é-nos concedido como convite, que também é graça, de sermos sempre e progressivamente capazes de viver os Ensinamentos do Nazareno, cientes de que a conformação à Cruz é libertação e vida. Encerramos a breve apresentação do Itinerário escutando São Boaventura:

Se agora procuras saber como isto acontece, pergunta-o à graça e não à ciência, ao desejo e não à inteligência, ao gemido da oração e não ao estudo dos livros, ao esposo e não ao mestre, a Deus e não ao homem, à escuridão e

³¹ SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. VII, §1-§6, pp.201-203.

não à clareza. Pergunta-o não à luz, mas ao fogo que tudo inflama e transfere a Deus com uma unção que arrebatava e um afeto que devora. Este fogo é Deus e *sua fornalha está em Jerusalém*. É Jesus Cristo que o acende com o fervor de sua ardentíssima *Paixão*, e experimenta-o verdadeiramente só aquele que pode dizer com Jó: *Minha alma desejou o suplício e meus olhos pediram a morte*. Quem ama esta morte pode ver a Deus, porque é absolutamente certo de que *homem algum poderá ver-me sem morrer*. Morramos, pois, e entremos nas trevas. Imponhamos silêncio às nossas inquietações, concupiscências e imaginações. Com Cristo crucificado passemos *deste mundo ao Pai*, para que depois de não-lo ter sido mostrado, possamos dizer com Filipe: *Isto nos basta*, e possamos ouvir com São Paulo: *Resta-te a minha graça*, e regozijar-se com Davi, dizendo: *Minha carne e meu coração desfalecem, ó Deus de meu coração e herança minha por toda a eternidade. Bendito seja o Senhor eternamente e todo o povo diga: Amém, Amém*³².

4 BREVE PERCURSO ATRAVÉS DA ESTÉTICA DE SÃO BOAVENTURA

A beleza, para Boaventura, expressa, sinteticamente, a unidade, bondade e verdade do ser. O ser é belo, pois é Uno, Bom e Verdadeiro³³. Encontramos na estética de João de Fidanza, igualmente, uma doutrina da luz, pois da luz imaterial que procede da Trindade, luz incorpórea, eterna e subsistente, decorre nossa humana possibilidade de perceber e interpretar a beleza da alma e das coisas corpóreas. Luz que é causa do humano entendimento da beleza multimanifesta nas coisas finitas, sendo prenúncio da recriação de tudo na consumação escatológica.

³² SÃO BOAVENTURA, *Itinerário*, Cap. VII, §6, p.203.

³³ Cf. MERINO, José Antônio. In: MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Org.). *Manual de Teologia Franciscana*. Tradução: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 472-485.

4.1 A BELEZA DA VIDA SEGUNDO O EVANGELHO VIVIDO E TESTEMUNHADO POR FREI FRANCISCO

Francisco de Assis, a regra viva dos menores, testemunhou, através de orante encantamento, a presença de Deus e de sua inefável luz em todas as coisas criadas. O arauto do Evangelho, esposo da Santa pobreza, louvava a Deus em todas as situações, percebendo-o em todas as realidades. Em *Louvores ao Deus Altíssimo* declara:

Tu és amor, caridade, tu és sabedoria, tu és humildade, tu és paciência, tu és beleza, tu és mansidão, tu és segurança, tu és quietude, tu és regozijo, tu és nossa esperança, tu és justiça, tu és temperança, tu és nossa riqueza até a saciedade³⁴.

Francisco canta “Tu és beleza”! O pobrezinho viveu a alegria de ser filho de Deus Altíssimo, saudando-o no encontro com os entes criados, como no Cântico do Irmão Sol: *louvado sejas tu, meu senhor, por todas as tuas criaturas!* Na singularidade de tudo o que é – Francisco exaltou a Deus Altíssimo.

Frei Francisco procurou, em toda a sua existência [1182 – 1226] amar, exaltar e celebrar o rosto de Jesus, bela revelação da Trindade Santa. Desejou ardentemente celebrar a presença do Cristo no Natal, na Páscoa, na Eucaristia, na Penitência, no cotidiano, tanto nas alegrias quanto nos sofrimentos da vida. Testemunhou, agiu, cantou e rezou a presença da Trindade no Filho humanado. Os gestos de Francisco, suas palavras, sua integridade revelam uma religião da alegria, autêntica religião de cada um (a) e de todos (as) com a fonte da vida.

Mas, se o Seráfico Pai percebeu a bela presença de Deus em tudo e em todos (as), destaquemos, experimentou no Alverne, quando da visão do Serafim de seis asas, a máxima identificação que um ser humano poderia realizar com o crucificado. A recepção dos estigmas, vivência intensa, ligou expressão e impressão, configurando o estigmatizado ao

³⁴ SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Louvores ao Deus Altíssimo* *apud* MERINO, José Antônio. Estética. In: MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Org.). **Manual de Teologia Franciscana**. Tradução: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 469.

seu Senhor. O caminho de Francisco, alegre e sereno, não recusou, mas desejou ardentemente, tanto quanto seja possível a um ser humano, experimentar a dor de Jesus Crucificado. Francisco na transfiguração do Alverne, salientemos, experimentou, também, a Glória do Ressuscitado, pois da Cruz de Jesus brotou a vida e de seu Evangelho novo modo de ser.

4.2 UMA ESTÉTICA AFETIVA

Se o doutor seráfico não utilizou a expressão estética, entretanto, suas preocupações, enquanto pensador de síntese, estão penetradas de afetividade, via pela qual une especulação, filosofia, teologia, práxis e mística. Seguindo Santo Agostinho, define a beleza como “igualdade numerosa” (*aequalitas numerosa*) ou como “certa acomodação das partes acompanhada da suavidade da cor” [**Itinerário**, Cap. 2, § 5]. A percepção da ordem segue o deleite, deleite a interpretação e a interpretação a união gozosa com Deus.

A fonte donde emana beleza ou harmonia é Deus Trindade, comunicação, expansão de si, amor que transborda e comunica. Do exemplar, o exemplado é reflexo. Na linguagem bonaventuriana despregam-se, em graus diversos, reflexos da Trindade que é o Sumo Bem e a Magna Beleza: **i)** a sombra é uma representação distante e confusa, **ii)** o vestígio é uma representação distante, mas distinta, **iii)** a imagem é – concomitantemente – uma representação próxima e distinta. O livro da criação, portanto, manifesta o Criador, está repleto de referências que nos reconduzem ao Sumo Belo. E, se é próprio do Sumo Bem difundir-se, encontra-se manifesto múltipla e belamente, em diversos graus convergentes e reveladores de seu autor.

Para Boaventura, quem não vê ou escuta a múltipla e bela presença de Deus no mundo via criação é cego, surdo ou insensato. A claridade da presença de Deus enunciada na criação, para Boaventura, é incontestável. Basta abriremos os olhos, destaparmos os ouvidos, utilizamos o entendimento para interpretar o modo da presença de Deus no mundo criado.

Todo o universo é uma síntese que revela seu autor, pois, está impressa em cada ente finito, concebido segundo o Verbo eternamente gerado³⁵ e

³⁵ O Verbo Eternamente Gerado é no Tempo Nascido. A *Pericorese* expressa o movimento relacional pelo qual o Verbo eternamente gerado responde o amor do Pai, o amando. O amor que une Pai e Filho é o Espírito Santo, denominado em o *Itinerário* de Verbo Espirado.

humanado, a marca do criador. A Trindade, *ad intra*, pensou e quis o mundo. Nela, as ideias exemplares, sabedoria e beleza de Deus, constituem o protótipo eterno de cada realidade criada. A Trindade, *ad extra*, manifestou-se no Verbo humanado, rosto visível do Pai, penhor de nossa Salvação. No episódio do Alverne, na configuração de Francisco com Jesus Cristo pela manifestação do Serafim alado, a beleza de Deus – crucificado e ressuscitado – prefigura a recuperação da semelhança, turvada³⁶ pelo pecado e, novamente, religada com a imagem. Reunificação que já está a acontecer, mas, encontrará seu termo no final dos tempos, na recriação escatológica quando triunfará a justiça de Deus.

São Boaventura, no êxtase do Alverne³⁷, mostra-nos – que no itinerário a Deus – os seis degraus são completados pela vivência mística, tal qual

³⁶ Se a imagem permanece, a semelhança, turvada pelo pecado, pode ser reconquistada através do esforço pessoal, através da oração e penitência, pela vivência do amor [caritas] – via fé e graça.

³⁷ Lemos a narração da recepção dos estigmas por São Francisco, segundo ‘Legenda Maior’ de São Boaventura, em **Escritos e Biografias de São Francisco de Assis** (LegM 13, 3): “Assim transportado em Deus pelo desejo de seráfico ardor e transformado, por compaixão, n’Aquele que, em seu excesso de amor, quis ser crucificado, rezava um dia num lado do monte, estando próxima a festa da Exaltação da Santa Cruz; e eis que ele viu descer do alto do céu um serafim de seis asas brilhantes como fogo. Num rápido voo chegou ao lugar onde estava o homem de Deus, e apareceu então um personagem entre as asas: era um homem crucificado, com as mãos e os pés estendidos e presos a uma cruz. Duas asas se erguiam por cima de sua cabeça, duas outras desdobradas para o voo e as duas outras cobriam-lhe o corpo. Essa aparição fez Francisco mergulhar num profundo êxtase, enquanto em seu coração sentia gozo extraordinário mesclado com certa dor. Porque, em primeiro lugar, via-se inundado de alegria com aquele admirável espetáculo, no qual se gloriava de contemplar Cristo sob a forma de um serafim, mas, ao mesmo tempo, a vista da Cruz atravessava a sua alma com a espada de uma dor compassiva. Era grande sua admiração diante de semelhante visão, pois não ignorava que os sofrimentos da paixão eram incompatíveis com a imortalidade dos espíritos celestes. Veio, então, a conhecer por revelação divina que essa visão lhe havia sido providencialmente apresentada para que, como amante de Cristo, compreendesse que deveria transformar-se totalmente nele, não tanto pelo martírio corporal quanto pelas chamas de amor de seu espírito”. São Boaventura, em linguagem místico-teológica, descreve a conformação de Francisco ao Crucificado. O evento transcorreu, quando da visão do serafim de seis asas, em setembro de 1224, dois anos antes de sua morte. A intensa experiência mística vivida no Alverne confirmou o projeto de Francisco, que desejou seguir todos os passos do Crucificado e Ressuscitado. Ao mesmo tempo, confirmou, igualmente, a *forma minorum* num período de intensos debates sobre a observância da Regra. A conformação ao Crucificado, que antecedeu os sofrimentos físicos de Francisco de Assis, pensamos, precisa ser interpretada segundo a vitória da vida sobre a morte, verdade central da fé cristã e que será intensamente celebrada no Canto do Irmão Sol.

testemunhada por Francisco de Assis na recepção dos estigmas. Convêm lembrar, entretanto, que o percurso descrito por Boaventura, pensador afetivo, não é fuga do mundo. Pois, se na juventude, no encontro com o leproso, Francisco descobriu a doçura da acolhida amorosa do pobre e excluído, quando da recepção dos estigmas, viu confirmado seu projeto de vida e ampliado seu compromisso de amar a cada pessoa e toda Criação conforme o amor que procede de Deus, amor exigente, fecundo, fonte de beleza e sentido.

Nessa direção, se o ato supremo de entrega passa pelo êxtase, podemos dizer que a comunhão anunciada por Francisco pela vida e confirmada na recepção dos estigmas, é vivência estética da qual resulta o compromisso de promover conhecer e defender a criação e a cada ser humano segundo a ordem do amor que procede do Máximo Belo que é o Sumo Bem.

5 SINALIZAÇÕES ANTROPOLÓGICOS EM *O ITINERÁRIO*

O ser humano, para do doutor seráfico, é pessoa, ente singular, composto por dimensões complementares – ente corpóreo e espiritual – itinerante, guardião da criação através da qual, via degraus, louvando às criaturas, encontra Deus Uno e Trino no mundo criado, em si e acima de si. Convocado à recuperação da semelhança, o faz quando testemunha o bem, vocacionado à relação abraça – na história – a criação e a eleva, em ação de graças – ao Altíssimo e Bom Senhor. São Boaventura, discípulo de Francisco, sabe que o ser humano somente descobre a si mesmo, através do seguimento de Jesus de Nazaré, via identificação e conformação ao Crucificado – que é o Ressuscitado. Encarnação, Cruz e Glória unificam a vida humana e doam sentido à existência. Por quê? Jesus é o mediador, centro da história, e Senhor da existência de cada pessoa. Se Deus Uno e Trino é comunicação, cada ser humano é vocacionado à relação, concretizada através da fraternidade, que é expressão da solidariedade de Deus Uno e Trino, manifesto através de Jesus de Nazaré, rosto do Pai e que nos envia o Espírito para que, na história, possamos testemunhar o amor comunicativo da Trindade.

O *Itinerário*, pequeno livro, mas, portador de grandes ensinamentos, nos encaminha ao encontro de Deus fora de nós, dentro de nós e acima de nós. Deus Uno e Trino nos é próximo, é preciso desejá-lo, conhecê-lo e amá-lo, redescobri-lo. Como? Amando e cumprindo a regra de vida que é Jesus de Nazaré e seu Evangelho. Para São Boaventura, em decorrência, cada ato da existência somente obtém sentido se realizado em conformidade com Jesus de Nazaré, o Cristo. Tanto a Filosofia quanto a Teologia, nessa direção, somente justificam-se, quando nos tornam pessoas melhores.

BREVE CONCLUSÃO: PARA COMEÇARMOS A PERCORRER “NOSSO ITINERÁRIO” COM BOAVENTURA E SÃO FRANCISCO DE ASSIS NAS PEGADAS DO NAZARENO

Boaventura viveu em um tempo de intensas transformações, no século da Universidade e da Cidade, num período de intensas disputas filosóficas e teológicas. Seu pensamento não rejeita Aristóteles, mas assume as teses do estagirita criticamente, em chave evangélica e menorítica. Com Agostinho descobre que a história é evento da manifestação providente de Deus. Percebe em Jesus Cristo, entretanto, o ponto central da história. Sua Teologia da história é Cristocêntrica, pois a Criação, o mundo e a vida humana somente podem ser compreendidos segundo a Encarnação e comunicação do Espírito segundo a dinâmica trinitária³⁸.

³⁸ Quando afirmamos que o acento da espiritualidade boaventuriana é Cristocêntrica (Cf. DE BONI, Luis Alberto. **Boaventura**: filósofo, teólogo e místico. Porto Alegre: Ed. Fi; UPorto, 2016. pp. 39-43), destacamos o ardente desejo de São Francisco de seguir todos os passos de Jesus humanado. Salientamos, entretanto, que o Cristocentrismo de São Boaventura se vincula à concepção Trinitária que envolve as meditações e as reflexões que realiza. Se Deus – *ad intra* – é Trindade: relação, amor que é comunicação. Deus *ad extra* – via criação – expressa o amor que o constitui. Ao afirmar o Cristocentrismo, seguindo Boaventura, percebemos presente a intenção de viver o Evangelho segundo interpretação e testemunho de Frei Francisco: em menoridade, pobreza, itinerância, serviço, fraternidade, amor. O amor que é Deus, em suma, conduz à visão trinitária – presente no pensamento de Boaventura em cada linha, parágrafo e texto escrito pelo doutor seráfico. Se, contemporaneamente, em estudos de Cristologia e Eclesiologia há tendência a um Cristomonismo, entretanto, a Cristologia de Boaventura é essencialmente trinitária, pois em todas as coisas e na vida, sabe Boaventura – conforme aprendeu de São Francisco – que Jesus conduz à Trindade e a Trindade se comunica via Jesus de Nazaré. Do que decorre, necessariamente, uma Eclesiologia de comunhão e serviço e uma Cristologia Trinitária pela qual somos convidados a viver o Evangelho segundo a menoridade: no mundo, com a criação e, especialmente, junto aos frágeis, aos pobres, aos esquecidos.

Escreveu o que viveu e viveu segundo a forma de vida professada por Francisco de Assis, aquele que testemunhou os caminhos do Verbo Humanado. Ler Boaventura é redescobrir pensamento sempre novo, ricamente articulado e comprometido com a Paz e o Bem. Por vezes, é preciso paciência, necessitamos meditar cada palavra, parágrafo, a obra por inteiro. São Boaventura de Bagnoregio testemunha a vivência do Sagrado que supõe conversão, abertura da inteligência e do coração.

O *Itinerário*, nessa perspectiva, mais do que guia que conduz, por degraus, ao êxtase, é prova do amor devotado a São Francisco, a Jesus e ao Evangelho da Vida, à Criação, às Ciências movidas pela caridade e a cada ser humano que, no trânsito do mundo, procura na certeza do amor, sentido à existência. O *Itinerário*, que condensa experiências intelectuais e afetivas de Boaventura, senão é tratado de Mística, tampouco é receita de autoajuda pronta a conduzir – através de esquemas – às coisas de Deus.

O *Itinerário* é ponto de partida, sinalização, amorosa partilha de uma experiência, convite a escutarmos a onipresença de Deus Triúno em todas as manifestações, dimensões e níveis da Criação. O *Itinerário* é convite à conversão dos olhos exteriores e interiores, humilde testemunho de percurso no qual, admirados, venerando o estigmatizado somos conduzidos, via amor, à conformação ao Crucificado e Ressuscitado. Para Boaventura, se Deus não cabe em esquemas, conseqüentemente, não há receitas que conduzem ao Sagrado. É preciso abertura, salientamos, do coração e da mente, é necessário humildade e reverência, cura interior, reconciliação, compromisso com o cuidado do mundo.

Desde a finitude, entretanto, podemos, ainda que palidamente, antever a beleza e bondade de Deus, convite a nos tornarmos melhores, à revisão de vida, à acolhida do outro que se revela em Jesus de Nazaré segundo o seguimento de São Francisco de Assis, amante do Evangelho e da Criação. Significativo, enfim, é que temos tempo para caminhar com São Boaventura e com São Francisco na contínua redescoberta do Rosto de Jesus de Nazaré, o Ungido do Pai. Há tempo, aliás, nossa vida inteira.

Basta querer, basta começarmos. Principiar pela *leitura meditativa* do *Itinerário* é excelente convite.

REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Escritos Filosóficos e Teológicos**. Introdução, tradução e notas: Luís Alberto De Boni e de Jerônimo Jerkovich. Porto Alegre: EDIPUCRS; USF, 1999. (Coleção Pensamento Franciscano, v. 2).
- BOEHNER, Philoteus; GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CALVÁRIO. Patrícia Joana do Nascimento. **Filosofia e pobreza em Boaventura de Bagnoregio**. 2009. 61 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009.
- CAROLI, Ernesto (Org.). **Dizionario Bonaventuriano: filosofia, teologia, spiritualità**. Vicenza: Editrici Francescane, 2008.
- DE BONI, Luis Alberto. **Boaventura: filósofo, teólogo e místico**. Porto Alegre: Fi; UPorto, 2016.
- DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GIOTTO. **Legend of St Francis – Stigmatization of St Francis**. Afresco. Basilica Superior de San Francesco d’Assisi. [1337?]. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Giotto_-_Legend_of_St_Francis_-_19_-_Stigmatization_of_St_Francis.jpg. Acesso em: 22 jul. 2022.
- IRIARTE, Lázaro. **História Franciscana**. Tradução: Adelar Rigo e de Marcelino Carlos Dezer. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1985.
- HINRICHSEN, Luíz Evandro. **O cuidado segundo a vocação evangélica de São Francisco de Assis: contribuições dos estudos franciscanos à reflexão sobre o cuidado e suas implicações éticas**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MERINO, José Antonio. **Historia de La Filosofía Franciscana**. Madrid: BAC, 1993.
- MERINO, José Antonio; MARTÍNEZ, Fresneda (Org.). **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PANCHERI, Francesco Saverio. O primado de Cristo segundo João Duns Scoto. **Cadernos da ESTEF**, Porto, n. 2, p. 29-49, 1988.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: patrística e escolástica**. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.

SUSIN, Luiz Carlos. **A criação de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SÃO BOAVENTURA. Itinerário. In: **Obras Escolhidas**. Tradução: Luís A. De Boni e de Fr. Saturnino Schneider. Porto Alegre: EST; UCS; VOZES, 1983.

SÃO BOAVENTURA. **Obras Escolhidas**. Tradução: Luís A. De Boni e de Fr. Saturnino Schneider. Porto Alegre: EST; Sulina; UCS, 1983.

SAN BUENAVENTURA. **Obras de San Buenaventura**: Apologia de Los Pobres. Madrid: BAC, 1969.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Escritos e Biografias de São Francisco de Assis**: Crônicas e outros Testemunhos do Primeiro Século Franciscano. Seleção e Organização: Frei Idelfonso Silveira. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANTO AGOSTINHO. **O livre arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

SANTO AGOSTINHO. La música. In: SANTO AGOSTINHO. **Escritos de San Agustín**. Tradução: Alfonso Ortega. Madrid: Editorial Católica/BAC, 1988. Tomo 39. pp. 49-361.

ZANELLA, Diego Carlos. O debate sobre a pobreza no pensamento político franciscano do século XIII. **Thaumazein**, Santa Maria, v. 5, n. 11, p. 195-210, jul. 2013.